



*Tradução  
Translation*

## **O Precariado Turístico**

**Guy Standing<sup>1</sup>**

*Tradução de Jean Henrique Costa e Raoni Borges Barbosa*

O turismo está gerando mais trabalho (pago) e ocupações (não remuneradas) do que quase qualquer outra esfera de atividade econômica no mundo. Este mesmo turismo se configura também como uma zona de muitas atividades que refletem e acentuam a estrutura emergente de classes da economia global. Mas os problemas e as desigualdades estão se inflamando. Seríamos sensatos em apreciar o que estes fenômenos significam, tendo especialmente em mente suas ramificações ecológicas e políticas.

---

<sup>1</sup> Guy Standing é professor pesquisador na SOAS - Universidade de Londres e é autor do livro **O Precariado: a nova classe perigosa** (no Brasil editado pela Autêntica Editora – 2013. Foi traduzido por Cristina Antunes e revisado por Rogério Bettoni). E-mail: [guystanding@standingnet.com](mailto:guystanding@standingnet.com).

A atual estrutura global de classes é muito diferente da que prevaleceu no século passado. Foi moldada pela globalização, pela revolução tecnológica em torno da eletrônica e pelo que geralmente é chamado de economia neoliberal. A nova estrutura é erguida sobre uma plutocracia de bilionários, recebendo vastas rendas de aluguel de várias formas de propriedade que lhes dão a riqueza para manipular a política em uma direção populista de direita. Abaixo destes bilionários, na hierarquia de renda, está uma elite que atende aos interesses desses plutocratas, também gerando enormes ativos de renda.

Abaixo deles há uma parcela populacional assalariada cada vez mais retraída, com certa renda e segurança no emprego – também recebendo renda dos locatários –, algumas sob a forma de uma variedade crescente de benefícios não salariais. Ao lado deles, em termos de renda média, encontram-se médicos, trabalhadores afluentes por conta própria e em risco de esgotamento devido a um estilo de trabalho frenético.

Abaixo deles, em termos de renda média, está o proletariado em ruínas - a velha *classe trabalhadora*, com normas de trabalho em período integral estável, benefícios não salariais e acesso a bons benefícios e serviços do Estado. Essa classe traçou os estados de bem-estar social (*Welfare State*), mas perdeu a capacidade de atuar como uma vanguarda política.

Mais abaixo está o *precariado* em rápido crescimento, debaixo do qual está um *lumpemprecariado*<sup>2</sup>: uma subclasse de marginalizados socialmente feridos que procura uma existência nas ruas, isolada política, econômica e socialmente. O precariado, por outro lado, é desejado pelo capitalismo global e pelo projeto neoliberal, já que fornece o necessário trabalho flexível. O precariado consiste em milhões de pessoas com vidas aos pedaços, sem narrativa ou identidade ocupacional, sem emprego ou segurança no emprego e sem renda, perdendo o direito a benefícios não salariais e a benefícios estatais baseados em direitos. Também está perdendo o bem comum que historicamente forneceu às classes trabalhadoras o chamado *casaco dos pobres*<sup>3</sup> - grosso modo, o acesso a certos recursos comuns para garantir o mínimo de subsistência e decência comum.

---

<sup>2</sup> Em alusão ao lumpemproletariado, Marx, em O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte, refere-se ao lumpemproletariado como uma massa desintegrada, reunindo sujeitos arruinados egressos da burguesia, vagabundos, soldados desmobilizados, batedores de carteira, mendigos... (nota dos tradutores).

<sup>3</sup> A expressão *casaco os pobres* tem ampla ressonância no movimento trabalhista e sindicalista europeu, designando a mentalidade socialdemocrata de políticas públicas emergenciais como forma imediatista de enfrentar as contingências sociais potencializadas pelo capitalismo, como a doença, a velhice, o desemprego, a maternidade, a viuvez, a invalidez e etc. (nota dos tradutores).

O precariado deve fazer muito trabalho ocupacional que não seja trabalho produtivo<sup>4</sup> e trabalhar fora dos locais de trabalho e fora do tempo regular de trabalho, incluindo trabalho para o Estado, em *regime de espera* (na fila), como o preenchimento de formulários e a execução sob coação de tarefas indesejadas. Mais importante, o precariado é suplicante, já que perde os direitos de cidadania e tem que confiar em favores, caridade e julgamentos discricionários de burocratas, empregadores, instituições de caridade, amigos e parentes.

Essa combinação de características é politicamente alienante, levando o precariado a se sentir separado da socialdemocracia à moda antiga e da democracia cristã. Mas a chave para entender o atual *fio da navalha* política é o caráter fragmentado de classe das massas emergentes, análogo ao que aconteceu durante a formação do proletariado nos séculos XIX e XX. O precariado está dividido no que chamei de *Atavistas*<sup>5</sup>, isto é, aqueles que lembram o que eles ou seus pais tinham no passado, - os *nostálgicos*, - não sentindo que têm um lar, um presente ou qualquer lugar; e os *progressistas*, ou seja, aqueles com educação prometida para um futuro e que sentem que perderam a perspectiva disso.

Essa estrutura geral de classes é reproduzida dentro da atividade turística. Há uma plutocracia, composta por alguns bilionários que possuem impérios imobiliários, ilhas inteiras ou longos trechos litorâneos do que antes era de uso comum, ou frotas de companhias aéreas de baixo custo ou de cruzeiros de luxo que percorrem o mundo em poluentes portos onde *regurgitam* a pior forma de diesel, causando câncer de garganta a residentes locais em lugares como Marselha, Barcelona, Veneza ou Maiorca.

Os plutocratas são apoiados por uma elite de gerentes e proprietários de hotéis de luxo. Abaixo deles, em termos de renda, existe um assalariado de trabalhadores seguros de longo prazo, muitos da gerência intermediária, que receberam treinamento sofisticado em administração de hotéis, restauração ou vendas. Seu trabalho principal é manter os clientes satisfeitos e os trabalhadores abaixo deles em ordem (controlados).

---

<sup>4</sup> Standing diferencia conceitualmente entre WORK e LABOUR, aqui definidos como trabalho que compreende *valor de uso*, tais como o trabalho de cuidado, o trabalho voluntário, ecológico e para o Estado; e trabalho que compreende *valor de troca*, isto é, que implica em contrapartidas monetárias (nota dos tradutores).

<sup>5</sup> O termo *atavismo* remete à comunicação intergeracional, na forma de tradição, de vantagens ou desvantagens em hierarquias econômicas, políticas e culturais. Os atavistas, nesse sentido, são representantes da nova geração, mas que ainda se inserem, ainda que em novas roupagens, nas lógicas interacionais e estruturais das gerações anteriores (nota dos tradutores).

É aqui que o precariado opera. Milhões de pessoas estão fazendo o que a maioria deles pode esperar que sejam empregos de curto prazo - servindo mesas, salgadinhos ou bifés, limpando salas, sendo um *concierge* (serviço de portaria) etc. - enquanto aspiram a obter uma carreira significativa. Na Europa, em particular, o precariado turístico consiste principalmente de migrantes e minorias raciais, muitos tornados mais exploráveis por não possuir documentos legais. Nenhum grande hotel ou restaurante está completo sem alguns desses trabalhadores imigrantes precariados.

No entanto, outra esfera do precariado turístico está crescendo rapidamente, ou seja, a esfera de locação de apartamentos ou quartos dentro deles para estadias curtas de turistas. O modelo *Airbnb* é, hoje, onipresente, operando em 191 países. Está alterando dramaticamente a vida cotidiana em destinos turísticos populares. Por exemplo, em alguns lugares, como Veneza, a população residente diminuiu enormemente à medida que muitos cidadãos saíram de seus apartamentos para deixá-los para turistas. Isso tem arruinado o senso local de vizinhança e comunidade.

De fato, junto com suas casas, as pessoas estão sendo mercantilizadas como prestadoras de serviços turísticos. Se seus vizinhos mudam a cada poucos dias, não há como você aprender a se identificar com eles, mesmo que deseje fazê-lo. Assim sendo, os turistas normalmente não têm um certo senso de prestação de contas ao local ou aos moradores. A conversa é reduzida a determinados cumprimentos ritualísticos à margem da insignificância. Em breve, os turistas e os que ainda vivem lá percebem que estão em uma *comunidade sem comunidade*. O *Airbnb* é, portanto, um destruidor de comunidades. É também um mecanismo de autoexploração. Considere uma mulher com uma criança pequena em um apartamento de dois quartos. Uma maneira de obter algum dinheiro desesperadamente necessário para pagar o aluguel ou comprar roupas para a criança é alugar o supracitado quarto extra. Isso está acontecendo em todo lugar. E sem dúvida atos de prostituição seguem também.

De maneira mais geral, os setores econômicos da atividade turística se tornaram um vasto edifício de exploração e insegurança econômica, no qual os que estão no precariado têm de viver uma vida de bajulação, obsequiosidade e servidão. Inerentes ao turismo de massa moderno, existem normas de comportamento e discursos que traem a profundidade e a sinceridade dos sentimentos verdadeiros de comunidade e vizinhança. Muitas pessoas são treinadas para serem convincentemente *falsas*.

O turismo também é um dos principais contribuintes para a catástrofe ecológica que caminha em nossa direção. A maior parte da “indústria” do turismo se beneficia, em curto prazo, da maximização do número de turistas e da receita que podem extrair deles. Mas, ao maximizar o uso dos bens comuns, eles contribuem para o esgotamento dos estoques locais de peixes, induzem o excesso de criação de gado ou ovelhas ou usam demais a natureza local com outros fins econômicos. E o chamado ecoturismo beira a ser um truque, uma vez que o próprio ato de penetrar em uma zona da natureza muda seu caráter e sua capacidade de se reproduzir. Vemos isso principalmente de um ponto de vista individual, pensando que nosso pouco de incursão não fará nenhuma diferença. Mas é claro que faz.

O precariado na indústria do turismo é o menos capaz de fazer qualquer coisa sobre a catástrofe ecológica em que está participando. Eles estão empregados no que está acontecendo, mas não podem deter as tendências. Aqueles que são responsáveis em última instância estão, na maior parte, longe do que estão desencadeando. Cada vez mais, o turismo é dominado por plutocratas e *fundos privados de capital próprio*, muitos deles sediados em Nova York ou no Vale do Silício, interessados apenas em maximizar a taxa de retorno de seus investimentos.

O que pode ser feito? A tragédia do turismo moderno deve ser combatida por meio de uma estratégia para resgatar os bens comuns – os espaços públicos e práticas nutridas pelas comunidades locais ao longo de gerações – e o *cooperativismo das múltiplas partes interessadas*<sup>6</sup>. Aqueles que constroem hotéis cinco estrelas sob a forma de arranha-céus, que desfiguram a paisagem e o horizonte, devem pagar pelos danos ambientais implícitos, e os cidadãos comuns devem ser compensados pelas perdas que esses empreendimentos representam.

O mesmo se aplica aos monstruosos navios de cruzeiro de luxo. Deveriam ser cobradas taxas extras por poluir e aumentar a morbidade onde quer que ancorem. Da mesma forma, deveria ser cobrado das companhias aéreas taxas de poluição, pagas em um *Fundo Comum*<sup>7</sup>, dos quais todos os *plebeus* podem ser compensados, lembrando que

---

<sup>6</sup> O termo original de Standing é *multi-stakeholder cooperativismo*, de modo que remete a uma compreensão economicista mesmo dos papéis, direitos e responsabilidades da comunidade frente às práticas turísticas (nota dos tradutores).

<sup>7</sup> A argumentação de Standing se aproxima dos debates sobre estratégias econômicas de internalização de externalidades negativas por parte de agentes econômicos responsáveis por impactos consideráveis na paisagem humana e natural (nota dos tradutores).

principalmente os grupos de maior renda são responsáveis pela poluição e pela perda de bens comuns, enquanto os membros de menor renda do precariado são os que arcam com a maior parte do custo da poluição e perda dos espaços de uso comum. A lógica dessa abordagem é apresentada em um novo livro<sup>8</sup>. Mas um ponto deve ficar claro: aqueles que obtêm grandes lucros com o turismo devem ser obrigados a pagar por todos os custos que incidem nas comunidades, nos trabalhadores e na própria natureza.

O turismo pode ser resgatado do frenesi da mercantilização e exploração? Todos nós que viajamos compartilhamos a responsabilidade pelo que está acontecendo. No momento, não há voz eficaz para a natureza, nem voz para o precariado, tampouco voz para nossos netos que, nas tendências atuais, terão pouca escolha a não ser ir de um local padronizado com um nome sofisticado para outro também estandardizado.

Devemos ser corajosos o suficiente para começar impondo custos totais àqueles que lucram com bens comuns cada vez menores. Corajosos porque significará impor parte desse custo àqueles dentro da indústria do turismo e àqueles que correm atrás do que provavelmente desaparecerá. O precariado no turismo deve tentar fazer dessa bravura parte de sua futura carreira, a partir de agora.

---

<sup>8</sup> *Plunder of the Commons: A Manifesto for Sharing Public Wealth* (London: Pelican Books, 2019) (ainda sem tradução para o português).